

Ensino Remoto e as Repercussões na Saúde Mental de Estudantes de Escolas Públicas no Período da Pandemia da COVID-19¹

Remote Teaching-Learning and its Implications on the Mental Health of Students from Public School During the COVID-19 Pandemic

Alex Sandro Gomes Pessoa²
Paula Romera da Silva³

Resumo

Estudos conduzidos no contexto nacional e internacional têm apontado que a pandemia da COVID-19 trouxe uma série de repercussões negativas e prejudiciais ao desenvolvimento de estudantes do ensino médio. Contudo, parte majoritária das investigações realizadas no período pandêmico ocorreram online, de modo que um contingente de estudantes de escolas públicas sequer foi ouvido e suas experiências permaneceram ocultadas. O objetivo desta investigação foi analisar como a pandemia da COVID-19 afetou a relação dos adolescentes de escolas públicas com a instituição escolar e com o próprio processo de ensino-aprendizagem. Complementarmente, buscou-se averiguar como o fechamento das escolas e a interrupção das relações interpessoais neste espaço se associou à deterioração da saúde mental dos estudantes. O estudo fundamentou-se na abordagem qualitativa e com delineamento transversal. A pesquisa foi conduzida em uma escola pública, localizada em uma região de exclusão e vulnerabilidade social de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Participaram cinco adolescentes, sendo 4 meninas e 1 menino, com idades que variavam de 15 a 16 anos. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por intermédio da técnica de Análise Temática. Os resultados da pesquisa revelaram que o modelo de ensino remoto foi conturbado e trouxe repercussões drásticas ao processo de aprendizagem dos estudantes. Além disso, as adaptações na rotina escolar, somado às demais adversidades decorrentes da pandemia, sugerem que houve implicações severas na saúde mental dos participantes.

Palavras-chave: Adolescência; Pandemia; Escola pública; Aprendizagem; Saúde mental.

Abstract

Studies conducted in the national and international settings have pointed out that the COVID-19 pandemic has brought several negative and harmful repercussions to the development of high school students. However, it was underexploited how abrupt changes in the school routine impacted on students' mental health. In addition, most of the investigations conducted during the pandemic took place online, so a contingent of public-school students was not even heard, and their experiences remained hidden. The aim of this paper was to analyze how the COVID-19 pandemic affected the relationships of adolescents from public-school adolescents and with the teaching-learning process itself. Additionally, it was sought to deeply investigate how the closure of schools and the interruption of interpersonal relationships in this place was associated with the deterioration of students' mental health. The study was qualitative and based on a cross-sectional approach. The research was conducted in a public school, located in an area of social vulnerability at a midsized city in São Paulo state, Brazil. Five adolescents participated, being 4 girls and 1 boy, with ages ranging from 15-16 years old. For data collection, a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script were employed.

¹ Projeto de Pesquisa Financiado pela CAPES (Edital 12/2021; processo número IMPACTOS1983986P) e CNPq (Edital Universal 18/2021; processo número 406975/2021-3).

² Psicólogo (UNOESTE), Licenciado em Educação Física, Mestre e Doutor em Educação (UNESP). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar. Bolsista de Produtividade do CNPq e presidente da ABPD (2023-2025 / 2025-2027).

³ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e candidata ao Doutorado Direto junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar.

The data were analyzed through the Thematic Analysis. The findings revealed that the remote teaching-learning was disturbing for the participants and brought drastic repercussions to the learning processes of them. In addition, adaptations in the school routine, added to the other adverse outcomes resulting from the pandemic, suggested that there were severe implications for the participants' mental health.

Keywords: Adolescence; Pandemic; Public school; Learning; Mental health

Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, declarou estado de pandemia mundial em razão da disseminação do novo coronavírus (SARS-CoV-2), popularmente conhecido como COVID-19. Logo após os primeiros casos, relatados em dezembro de 2019 na China, o vírus se disseminou rapidamente por vários países, provocando milhões de internações e mortes. No dia 5 de Maio de 2023, quando a OMS decretou o fim do estado pandêmico, haviam sido registrados no Brasil 765.835.110 casos de contaminação e 6.927.088 mortes óbitos (PAINÉL CORONAVÍRUS, 2024). Com altas taxas de propagação da doença por todo o planeta e capacidade de infectar e matar milhões de pessoas, a COVID-19 foi considerada emergência de saúde pública mundial (OPAS, 2021). Dessa forma, implementou-se medidas restritivas de circulação das pessoas, como quarentenas e distanciamento social, para o enfrentamento da pandemia (Aquino *et al.*, 2020). Muitos espaços de convívio social foram totalmente ou parcialmente fechados, bem como protocolos sanitários rígidos foram estabelecidos, como o uso obrigatório de máscaras e de álcool em gel em diversos espaços (OMS, 2021; UNICEF, 2022). No âmbito educacional, estima-se que 138 países fecharam as escolas como meio de evitar aglomerações e conter a transmissão da doença ao redor do mundo (Lancker; Parolin, 2020).

Além do risco que oferece à saúde da população, a doença também trouxe implicações severas nos contextos sociais, econômicos e culturais, com consequências ainda mais agudas sobre grupos socioeconômicos desfavorecidos e entre as minorias sociais (Aragão *et al.*, 2022). Diante disso, o termo mais adequado a ser empregado, de acordo com Veiga-Neto (2020), seria sindemia, pois o conceito implica na combinação e potencialização de problemas que se situam nos âmbitos sanitário, sociocultural e ambiental. Neste enquadramento, observa-se que a pandemia evidenciou iniquidades e exacerbou as desigualdades sociais já existentes (Bartholo *et al.*, 2022; Macedo, 2021). Embora a letalidade do vírus tenha sido mais elevada entre adultos e idosos, os efeitos psicossociais sobre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social são incomensuráveis, revelando dimensões que vão além dos dados epidemiológicos

(Cohen; Bosk, 2020; UNICEF, 2021). A pandemia evidenciou que a mortalidade não é neutra, mas seletiva, atravessada por hierarquias históricas e estruturais de classe, raça, gênero e território. As políticas públicas e estratégias de enfrentamento negligenciaram as necessidades dos grupos mais vulneráveis, ampliando desigualdades e expondo crianças e adolescentes à precarização das condições de vida, à restrição de direitos e à limitação do acesso à saúde. Nesse sentido, a necropolítica se manifesta não apenas na produção da morte, mas também na gestão das vidas consideradas descartáveis (Oliveira; Martins; Silva, 2021).

O fechamento das escolas durante o surto da COVID-19 teve um impacto significativo nos adolescentes, visto que essas instituições são cruciais para o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e de aprendizagem desse segmento (Gatti, 2020; Zardo *et al.*, 2022). Um dos principais desafios enfrentados foi a falta de acesso a recursos educacionais adequados, como equipamentos de informática e internet (Bernartt, 2022). A precariedade de recursos pode prejudicar o aprendizado e a capacidade dos adolescentes em se apropriarem dos conteúdos escolares. Muitos adolescentes, além disso, enfrentaram dificuldades em manter o engajamento e a motivação para estudar sem o apoio direto dos professores e do ambiente escolar (Lacerda; Greco Junior, 2021).

Ademais, o fechamento das escolas também pode ter impactado negativamente a saúde mental dos adolescentes (Saurabh; Ranjan, 2020; Souto *et al.*, 2021). A pesquisa de Silva, Oliveira e Quiroga (2022) verificou níveis elevados de ansiedade, estresse e depressão em adolescentes no contexto da pandemia da COVID-19, assim como a manifestação de sentimentos de tristeza, solidão, irritabilidade, nervosismo, mau humor e preocupação. Os adolescentes também relataram dificuldades para dormir e desmotivação para participarem das atividades escolares. Complementarmente, estudos também apontaram para a maior ocorrência de quadros de depressão e ansiedade entre adolescentes e jovens do gênero feminino e entre aqueles que se autodeclararam negros (Binotto; Goulart; Pureza, 2021; Chen *et al.*, 2020; Tamarit *et al.*, 2020; Tognetta *et al.*, 2022).

O isolamento social, a falta de rotina e a incerteza sobre o futuro são especialmente difíceis para os adolescentes que já lidavam com transtornos mentais ou outros problemas emocionais (Gadagnoto *et al.*, 2022; Souto *et al.*, 2021; UNICEF, 2021). Muitos adolescentes também perderam o convívio social que a escola oferecia, o que afetou a capacidade de se conectar com colegas e desenvolver habilidades socioemocionais (Gadagnoto *et al.*, 2022; Lacerda; Greco Junior, 2021; Vazquez *et al.*, 2022). Pesquisas relataram que o ensino remoto dificultou a interação, comunicação e colaboração entre alunos e professores, de modo a afetar

a capacidade dos adolescentes de receber suporte, orientação educacional e emocional, o que prejudicou o desempenho acadêmico e as perspectivas de futuro (Médici; Tatto; Leão, 2020; Vazquez *et al.*, 2022).

Outro fator a destacar sobre o ensino remoto é como este modelo agravou o nível de desigualdade e vulnerabilidade educacional. Para Silva, Oliveira e Quiroga (2022), a falácia da democratização do acesso às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), bem como o aumento da sobrecarga no trabalho dos professores nas plataformas educativas virtuais, são alguns dos fatores que acentuou disparidades educacionais. No contexto brasileiro, pesquisas investigaram as percepções de estudantes, tanto de escolas públicas quanto privadas, em relação aos desafios enfrentados durante o ensino remoto imposto pela pandemia. Os dados revelaram que estudantes da rede pública tendiam a criticar o ensino *on-line*, principalmente quanto à qualidade e compreensão do conteúdo. Em contraste, os estudantes da rede privada apresentaram uma atitude mais receptiva em relação ao ensino remoto e, boa parte, indicaram compreender e conseguir acompanhar o conteúdo acadêmico. Porém, em ambas as redes de ensino, os estudantes reconheceram a baixa interatividade entre professores e alunos como malefícios dessa modalidade de ensino (Fritsch *et al.*, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022; Médici; Tatto; Leão, 2020; Segati; Jordão, 2022).

O programa Todos pela Educação (2020) destacou que, no Brasil, cerca de 67% dos lares possuem conexão com a internet, entretanto, esse percentual varia significativamente entre as diferentes classes sociais, sendo de 99% para a classe A e 40% para as classes D e E. Quanto aos domicílios que ainda não possuem acesso à internet, o motivo mais apontado para a falta de conexão é o alto custo (27%), seguido pelo fato de 18% dos moradores não saberem utilizar a rede (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020). É essencial pontuar, também, que 91,0% dos estudantes de escolas privadas possuíam computador ou *notebook* em casa, enquanto apenas 50,4% dos estudantes de escolas públicas detinham os mesmos recursos tecnológicos para aprendizagem (IBGE, 2021).

Considerando os registros da literatura especializada, fica evidente como as disparidades educacionais foram acentuadas durante a crise de saúde pública mundial decorrente da pandemia do COVID-19. A dificuldade de acesso à internet e aos equipamentos tecnológicos geraram um grande déficit na aprendizagem dos estudantes, em especial dos que frequentavam escolas públicas, o que pode estar associado com o aumento da evasão escolar (IBGE, 2021;(Silva; Oliveira; Quiroga, 2022; Souza *et al.*, 2020). Mas, o que permaneceu parcialmente investigado foi como os estudantes de escolas públicas avaliaram suas experiências educativas

na pandemia, bem como as repercussões do fechamento de suas escolas nos indicadores de saúde mental.

Nesse sentido, diante dos efeitos potencialmente adversos da pandemia do COVID-19 sobre esse grupo, o objetivo deste estudo foi analisar como a pandemia da COVID-19 afetou a relação dos adolescentes de escolas públicas com a instituição escolar e os processos de ensino-aprendizagem. Complementarmente, buscou-se averiguar como o fechamento das escolas e a interrupção das relações interpessoais neste espaço se associou à deterioração da saúde mental dos estudantes.

Método

Esta pesquisa inseriu-se num projeto multicêntrico, de abrangência nacional, intitulado “Impactos da pandemia COVID-19 no cotidiano de adolescentes brasileiros em situação de vulnerabilidade social”. A investigação recebeu aporte financeiro da CAPES (Edital 12/2021; processo número IMPACTOS1983986P) e CNPq (Edital Universal 18/2021; processo número 406975/2021-3). O objetivo da investigação nacional supracitada foi compreender como a pandemia impactou a vida de adolescentes brasileiros que estavam expostos a indicadores de vulnerabilidades social (adolescentes em situação de rua, que viviam em instituições de acolhimento, que cumpriam medidas socioeducativas em meio aberto e meio fechado e adolescentes que frequentavam escolas públicas localizadas em contextos de exclusão e vulnerabilidade social). Ainda em relação ao estudo multicêntrico, foi desenvolvido um programa de intervenção direcionado a profissionais que atuam em diferentes políticas públicas e que atendiam estes adolescentes. A proposta foi auxiliar estes profissionais a compreenderem as demandas dos adolescentes e o agravamento das suas condições de vida no contexto pós-pandêmico, de modo que pudessem implementar ações educativas e psicossociais mais assertivas.

Participaram do estudo nacional 139 adolescentes, provenientes das cidades de São Carlos (SP), Tocantins (TO), Rio Grande do Norte (RN), Santa Maria (RS), Bahia (BA), Porto Alegre (RS), Ceará (CE), Brasília (DF) e Rio Grande (RS). Todavia, cabe salientar que a presente investigação é um recorte da amostra constituída em São Paulo, mais particularmente dos adolescentes de uma escola pública de uma cidade de médio porte, localizada no interior do estado de São Paulo e que se situava em um território com altos índices de exclusão e vulnerabilidade social. Assim, trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, com delineamento transversal e fundamentada na abordagem qualitativa.

Participantes e Instituição

O contato inicial foi realizado com a diretora e vice-diretora da instituição escolar supracitada. Através dessa comunicação, os objetivos e procedimentos da pesquisa foram explicados. Solicitou-se que as instituições indicassem adolescentes que demonstrassem interesses ou ações de protagonismo na instituição, como a participação no grêmio estudantil ou engajamento em atividades e projetos promovidos pelas escolas. Deste modo, a vice-diretora apresentou a pesquisa para os estudantes e verificou o interesse deles em colaborar com o estudo. Foram selecionados 5 (cinco) adolescentes que concordaram em participar. A Tabela 1 sumariza os dados sociodemográficos dos participantes:

TABELA 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

Estudante	Idade	Gênero	Orientação sexual	Etnia	Religião	Escolaridade
1	15	Mulher cisgênero	Heterossexual	Parda	Protestante ou Evangélica	Ensino Médio incompleto - 1º ano
2	15	Mulher cisgênero	Bissexual	Branca	Protestante ou Evangélica	Ensino Médio incompleto - 1º ano
3	16	Homem cisgênero	Heterossexual	Branca	Protestante ou Evangélica	Ensino Médio incompleto - 1º ano
4	16	Mulher cisgênero	Heterossexual	Parda	Católica	Ensino Médio incompleto - 1º ano
5	15	Mulher cisgênero	Não soube responder	Parda	Protestante ou Evangélica	Ensino Médio incompleto - 1º ano

Fonte: Elaborada pelos autores.

Instrumentos

Conforme já mencionado, o estudo possui uma abordagem mista, portanto, combinou estratégias quantitativas e qualitativas para a coleta de dados. Particularmente para este estudo foram empregados os seguintes recursos no trabalho de campo:

Questionário de caracterização sociodemográfica: desenvolvido especificamente para esta pesquisa e consistiu em duas partes distintas. A primeira visava coletar informações sobre as características sociodemográficas dos participantes, como idade, gênero, etnia, escolaridade, entre outros. Já a segunda parte, composta por itens de resposta dicotômica (Sim ou Não), teve como foco identificar a exposição dos adolescentes ao COVID-19 e suas consequências. Essa seção do questionário buscou obter informações sobre a realização de testes, o contágio pelo

vírus, o conhecimento de pessoas que testaram positivo, perda de familiares e as orientações recebidas para o autocuidado.

Entrevista semiestruturada: o roteiro de entrevista semiestruturada abordou uma série de perguntas elaboradas com o objetivo de compreender a relação dos adolescentes de escolas públicas com a instituição escolar no período da pandemia do COVID-19. Esta técnica proporciona uma visão abrangente, permitindo a descrição, explicação e compreensão completa do fenômeno investigado, além de possibilitar o surgimento de novas temáticas com base nas respostas recebidas (Minayo, 2010). Neste estudo, o roteiro da entrevista foi estruturado em torno de cinco pontos principais: 1) percepções dos adolescentes em relação à pandemia; 2) alterações e impactos da pandemia na rotina e estilo de vida; 3) papel da rede de apoio afetiva e social em auxiliar os participantes durante a pandemia; 4) estratégias de enfrentamento adotadas pelos adolescentes; e 5) expectativas em relação ao futuro após a pandemia.

Procedimentos e Análise de Dados

O projeto foi desenvolvido seguindo as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (CONEP), mais particularmente a partir da Resolução 510/2016, e recebeu parecer favorável para sua execução do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAEE: 52159821.2.0000.5504). A participação dos adolescentes na investigação ocorreu somente após a obtenção da autorização formalizada dos responsáveis dos adolescentes, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como o Termo de Assentimento, assinado pelos próprios adolescentes.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em salas reservadas, em um único encontro. Tiveram, em média, a duração de 35 (trinta e cinco) minutos. Todas as interações foram gravadas por meio de dispositivo digital e, posteriormente, transcrita na íntegra. A coleta de dados ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2022.

Para a análise dos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas foi utilizada a Técnica de Análise Temática (AT) (Braun; Clarke, 2006). Trata-se de um método para identificar, analisar, relatar padrões ou temas presentes nos dados qualitativos, além de descrever e interpretar diversos aspectos relacionados ao tema da pesquisa (Souza, 2019). A Análise Temática reflexiva foi a abordagem adotada, por enfatizar a flexibilidade e fluidez, tendo como objetivo principal uma imersão e profundo engajamento com os dados, a qual está, geralmente, atrelada a pesquisas sociais e com agendas voltadas à justiça social (CLARKE; BRAUN, 2017; SOUZA, 2019). A Análise Temática foi conduzida mediante seis fases, tal

como postulado por Braun e Clarke (2006): 1) Fase da familiarização com os dados; 2) Fase da geração de códigos iniciais; 3) Fase da busca por temas; 4) Fase da revisão de temas; 5) Fase para definir e nomear temas e 6) Fase da escrita final do relatório científico.

Resultados e Discussão

A partir do processo de análise, duas temáticas centrais emergiram: a) Precarização das Condições de Ensino e Repercussões nos Processos de Aprendizagem; b) Repercussões do Ensino Remoto e do Fechamento da Escola na Saúde Mental dos estudantes.

Precarização das Condições de Ensino e Repercussões nos Processos de Aprendizagem

A pesquisa demonstrou que os estudantes enfrentaram inúmeros desafios durante a transição para o ensino remoto no decorrer da pandemia, incluindo dificuldades de aprendizado, concentração e motivação, além de preocupações com o impacto na qualidade da educação que receberam. Na Tabela 2 é possível observar, na percepção dos participantes, que o ensino remoto resultou em prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem. Os adolescentes sentiram que não conseguiram aprender efetivamente através das aulas on-line e que suas notas declinaram durante esse período.

A maioria dos participantes expressou dificuldade em se concentrar nas aulas remotas. Distrações no ambiente doméstico, como o uso da internet para outras finalidades e a presença de familiares nos cômodos em que estavam, tornaram difícil manter o foco e concentração nas aulas. A motivação dos adolescentes para acompanhar as aulas também diminuiu ao longo do tempo, resultando em um declínio no envolvimento com o processo educacional. Devido a isso, os participantes sentiram que não adquiriram o conhecimento necessário para dar continuidade aos estudos, o que implicou em desafios até mesmo no retorno às aulas presenciais.

Na percepção dos estudantes, a modalidade on-line de ensino apresentou vários desafios específicos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, como a falta de interação direta com os professores e a demora na obtenção de respostas para sanar dúvidas. Ademais, eles destacaram a importância do suporte dos professores para o aprendizado efetivo, algo que não foi viabilizado na modalidade remota. Alguns adolescentes sugeriram que as metodologias adotadas pela escola contribuíram para à inadaptação ao ensino remoto.

TABELA 2 – Precarização das Condições de Ensino e Repercussões nos Processos de Aprendizagem

Citações

“Foi bem chato, eu preferia estar frequentando [presencialmente a escola]. Mas eu não sabia da pandemia, né. Mas era muito chato eu ter que acordar. Tinha que acordar às 7 horas da manhã para ficar vendo o celular e assistir aula online era muito ruim [...] porque eu assistia pelo celular e aí dava sono e eu acabava dormindo. Mas as atividades eu fazia. [...] Na minha visão, eu senti que pelo celular eu não aprendi nada, eu não sei a maioria das coisas que eles estão pedindo esse ano. Redação, matemática, as coisas que estão ensinando agora, eu tô aprendendo agora. Em casa assim, eu precisava pra fazer as atividades, não tinha essa vontade de ficar ali e tentar e aprender a fazer.” (Estudante 1).

“Eu não conseguia me concentrar direito, porque é muita coisa no ambiente, sabe, e qualquer coisinha me distraia. Tipo, minha mãe passando, eu já desfocava da tela do celular, então eu não conseguia focar tanto. [...] Os professores sempre eram bem atenciosos, eles explicavam bem, eles estavam sempre disponíveis no WhatsApp se alguém tivesse alguma dúvida ou alguma coisa assim [...] eu só não conseguia me concentrar mesmo. [...] Eu ainda tô tentando me recuperar, mesmo que já tenha se passado dois anos, agora que a gente voltou a estudar, eu ainda não sinto que eu tô 100% como eu era antes da pandemia, eu ainda... essas distrações, eu tenho me distraído bem na escola, eu desenvolvi isso.” (Estudante 2).

“Para mim foi muito ruim, porque eu estava aprendendo coisas novas na escola, que pra mim, na minha vida, foi muito ruim. Como que eu posso te explicar... para a minha carreira, assim. Eu fiquei muito em casa e desaprendi um monte de coisa na escola. Aí depois, começou a escola de novo no meio, foi muito complicado. [...] Tinha hora que tava uma loucura, não dava pra estudar, não tinha como prestar atenção, e eu tinha que ir no fundo da minha casa estudar no fundo, onde tem a área de churrasqueira, ou ir pro meu quarto e fechar a porta. [...] [no ambiente] físico [da escola] eu podia perguntar para a professora a dificuldade. Online eu perguntava, podia mandar mensagem, só que era bem diferente.” (Estudante 3).

“[...] meu incentivo são os professores, em casa você começou a ler, deu dois minutos, deu sono, você vai dormir. [...] Eu estudava um pouco, mas não era como é com os professores te incentivando e te ajudando, porque as dúvidas que surgiam, você tinha que ficar mandando mensagem, e até o professor te responder... [...] Foi a única vez que minhas notas caíram. [...] É que presencial é outra coisa, né. Minhas notas sempre foram boas, e aí veio essa pandemia e minha nota caiu. Porque como você não estudava 100%, ficou na média, 5, 6, 7. [...] Perdeu um ano de matéria na escola, e aí tem coisas que os professores precisam passar de novo, e às vezes só aquela relembrada não é suficiente, então você acaba perdendo um pouco de conhecimento em uma coisa que vai precisar. Por exemplo, vamos supor que eu perdi alguma coisa importante de matemática nesse ano, a professora só dá uma relembrada por cima, e cai na prova que eu vou fazer. Ai vai atrapalhar.” (Estudante 4).

“Tipo, passava uma atividade assim, eu fazia bem capenga assim, sabe? Aí eu fazia, mas fazia bem malfeito, só pra falar que eu fiz. [...] Eu acompanhava [as aulas] no começo do ano, e aí depois pro final do ano eu não acompanhei mais. Tipo, os professores mandavam a lição e eu fazia, mas acompanhar a aula, eu não acompanhei mais depois do meio do ano. [...] Eu acho que foi bom ter fechado a escola naquele período, porque senão as pessoas iam para casa, contaminar os familiares e tudo mais, mas só acho que tipo, a técnica que usaram pra dar aula online foi meio ruim. [...] Era pelo [incompreensível] e aí as perguntas você tinha que perguntar lá e mandar, mas raramente alguém via... Eu acho que se fosse os professores da escola mesmo que dessem aula online, e a gente mandava pergunta, e fazia uma provinha, e mandava mais atividade, eu acho que ia ser mais fácil do que uns professores de não sei lá onde. [...] Tipo, tinha um chat onde você fazia perguntas e tudo mais, mas era do estado todo de São Paulo, e não dava para responder todas as perguntas. Ele respondia às perguntas de um, de outro, e aí ele passava matéria, e vinha outro professor e passava matéria e era isso. Era mais pra você ter uma noção das matérias, assim. Aí anota alguma coisa. [...] A gente tinha

um grupo e eles mandavam atividades por lá, e se tivesse alguma dúvida perguntava por lá, mas eu acho que se fossem eles mesmo [os professores da escola] que dessem as aulas seria mais legal.” (Estudante 5).

Fonte: Elaborada pelos autores.

A pandemia da COVID-19 trouxe mudanças significativas para o sistema educacional, como a interrupção das aulas presenciais e a adoção do ensino remoto como medida de segurança (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC], 2020). Essa mudança abrupta afetou diretamente e indiretamente o padrão de aprendizagem dos estudantes. Para os adolescentes que participaram dessa investigação, a adaptação a esse novo sistema de aprendizagem representou uma série de desafios contundentes, incluindo dificuldades de aprendizagem, desmotivação e baixa concentração no ambiente doméstico, o que é similar aos estudos de Krause et al. (2022), Locion *et al.* (2022) e Noviyanti *et al.* (2020).

Foi amplamente registrado na literatura nacional que os principais desafios enfrentados pelos estudantes da escola pública foram em relação à apropriação dos conteúdos, a baixa interatividade com os professores, dificuldade de concentração devido a distrações no ambiente doméstico, entre outros. O relato de alguns estudantes destacou a falta de interação direta com os professores e a demora na obtenção de respostas (devolutivas) como obstáculos no processo de aprendizagem, o que também foi constatado na pesquisa de Machado, Fritsch e Pasinato (2021). Os achados acerca das dificuldades de concentração e comunicação entre estudantes e professores, de acordo com Segati e Jordão (2022), foram entraves nos processos de escolarização de estudantes de escolas públicas. Assim, considera-se que adoção de estratégias educativas que potencializassem interações estudantes-professores em ambientes colaborativos de aprendizagem, ainda que no contexto virtual, poderiam ter sido benéficas para o contexto da escola pública (Médici; Tatto; Leão, 2020).

Com base nas constatações de Cabral et al. (2023), Cardoso (2022), Fritsch *et al.* (2021) e Machado, Fritsch e Pasinato (2021), e nos resultados empíricos da presente investigação, as aulas virtuais desfavoreceram a aprendizagem de estudantes de escolas públicas quando comparadas ao contexto de aulas presenciais. Por isso, Bartholo *et al.* (2022) afirmaram que estudantes em situação de vulnerabilidade tiveram menos oportunidades para interagir com professores e colegas durante o período de ensino remoto, bem como houve uma dilatação das disparidades educativas, o que acentuou as desigualdades educacionais e cujas repercussões, em médio e longo prazo, permanecem incomensuráveis.

Repercussões do Ensino Remoto e do Fechamento da Escola na Saúde Mental dos Estudantes

Esta temática revelou que os efeitos psicológicos da pandemia, associados à implementação do ensino remoto, foram variados entre os adolescentes, abrangendo desde agravamentos de problemas preexistentes até o desenvolvimento de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade. Todos os participantes expressaram insegurança e medo em relação à pandemia. Isso incluiu preocupações com a própria saúde e dos familiares, assim como o medo da contaminação e das consequências da COVID-19. Além disso, na Tabela 3, é possível observar que alguns adolescentes recorreram a tratamentos medicamentosos para lidar com os sintomas de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático.

Os adolescentes também expressaram sentimentos de solidão e isolamento. Entre as medidas de distanciamento social, o fechamento de escolas, a interrupção de atividades e, consequentemente, a falta de interação social, tiveram um impacto significativo no bem-estar emocional. Alguns participantes mencionaram uma diminuição na capacidade de sentir alegria e emoção em suas atividades diárias. É notável que mesmo os participantes que se consideravam introvertidos no ambiente escolar antes da pandemia relataram a importância da socialização e do contato social propiciado pela rotina escolar.

TABELA 3 – Repercussões do Ensino Remoto e do Fechamento da Escola na Saúde Mental dos Estudantes

Citações
“Eu fiquei com bastante medo da pandemia, porque estavam falando que tinha bastante gente morrendo. Aí eu estava com medo por mim e pelos meus pais também. [...] Fiquei sem escola, foi triste. Quase fiquei com depressão. Meu pai teve que viajar trabalhando, fiquei com medo da minha mãe pegar também, porque ela tem imunidade baixa, aí ficava esse medo da gente sair. [...] No final da pandemia, eu fiquei muito sozinha. Aí teve a escola que foi pelo celular também foi muito ruim. [...] Solidão, fiquei triste, ansiedade para acabar logo. [...] Ainda aparece... eu sinto como... ontem mesmo, eu fui para um passeio e eu sinto como se as coisas que eu estou fazendo agora, não tem tanta emoção como dava antes, não tá tendo muita alegria. [...] Eu sempre fui uma pessoa introvertida, tímida, então eu nunca fui tipo de grandes multidões, mas o pouco de socialização que eu tive fez falta durante todo esse tempo que eu fiquei em casa, sem contato.” (Estudante 1).
“Então eu dei uma decaída, digamos assim. Preocupação e um pouco de medo também. [...] Durante a pandemia, eu desenvolvi depressão e ansiedade pós-traumáticas. Eu não sei bem se foi culpa dela [pandemia] ou se viria de qualquer forma. [...] Se eu sentisse alguma dificuldade de dormir, insônia, era para tomar uma gotinha de um remédio que me acalmava, ou se eu começasse com uma crise, eu tomava um pouquinho dele também. [...] A depressão passou [com tratamento medicamentoso], mas agora ela tem voltado e daí a gente tá correndo para cuidar disso. [...] E a ansiedade tá controlada, digamos assim, mas eu ainda me sinto indisposta algumas vezes, para poder sair em público, tanto que eu faltou bastante na escola porque eu não me sinto à vontade para vir interagir, com medo de ter

algum tipo de ataque, essas coisas.” (Estudante 2).

“Eu já era uma pessoa bem sozinha [na escola], solitária, e que ficava em casa mesmo, eu não tenho o costume de sair. Então, só intensificou mais isso.” (Estudante 4).

“Eu acho que em 2021 psicologicamente foi bem difícil pra mim. [...] Foi ruim porque tava, sei lá, muito abalada psicologicamente, e foi ruim. [...] Eu acho que eu tava meio esgotada psicologicamente. [...] Eu acho que a tristeza vem junto com o esgotamento, então eu acho que era mais esse. Em 2021 foi quando eu comecei a ter... eu acho que era crise, não sei. [...] Às vezes eu ia dormir e meu coração começava a acelerar, e eu começava a ouvir os barulhos que ficavam mais altos que o normal, e a dimensão das coisas assim era maior do que parecia ser. [...] Eu via as minhas amigas, e eu acho que era mais uma rotina assim, e aí sair da rotina ficou meio chato, e não tinha muita coisa pra fazer e era entediante, então eu acho que ir pra escola teve bastante falta assim.” (Estudante 5).

Fonte: Elaborada pelos autores.

Fritsch *et al.* (2021) e Salzano *et al.* (2021) apontaram que muitos estudantes experimentaram sentimentos negativos durante a pandemia, incluindo medo, desânimo e ansiedade devido ao isolamento social. Esses sentimentos foram amplamente reconhecidos e não são surpreendentes, dado o contexto calamitoso em que os adolescentes foram submetidos durante a pandemia de COVID-19. As falas dos estudantes indicaram um forte impacto psicológico e emocional causado durante este período. Destacaram a tristeza decorrente do fechamento das escolas e da transição para o ensino remoto, com a maioria dos estudantes mencionando a ocorrência de sintomas depressivos e de ansiedade nesse mesmo período. Esses resultados também corroboram com outros estudos que apontaram para uma experiência emocionalmente difícil entre adolescentes e jovens durante a pandemia, que tiveram rompimentos abruptos e contundentes com a dinâmica escolar que estavam habituados (Gadagnoto *et al.*, 2022; Jones *et al.*, 2022; Pieh *et al.*, 2021; Sitohang, 2023; Vazquez *et al.*, 2022; Windarwati *et al.*, 2022).

Além dos desafios emocionais enfrentados pelos estudantes durante o período de isolamento social, as narrativas também evidenciaram a relevância da escola como um contexto central na vida desses adolescentes. A suspensão abrupta das aulas presenciais teve repercussões profundas, interrompendo importantes vínculos sociais estabelecidos no contexto escolar, que vão além da dimensão acadêmica (Cabral *et al.*, 2023). Nos depoimentos dos participantes, notou-se que a escola extrapola um ambiente de ensino-aprendizagem, constituindo-se, também, como um espaço imprescindível na promoção da socialização entre os pares, proteção e saúde dos adolescentes. E, embora as redes sociais tenham colaborado na manutenção da socialização, como destacado por Muzi, Sansò e Pace (2021), a falta do convívio presencial privou os adolescentes desses elementos. Constatou-se, desse modo, que a falta de

vínculos relacionais propiciados pela escola, o sentimento de insegurança e instabilidade pela contaminação e as dificuldades de manter a rotina educacional em ambientes virtuais são variáveis que se associaram à deterioração da saúde mental de estudantes de escolas públicas.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi analisar como a pandemia da COVID-19 afetou a relação dos adolescentes de escolas públicas com a instituição escolar e os processos de ensino-aprendizagem. Complementarmente, buscou-se averiguar como o fechamento das escolas e a interrupção das relações interpessoais neste espaço se associou à deterioração da saúde mental dos estudantes. Entre os principais resultados, destacou-se o fato de que as condições de ensino dos estudantes durante a pandemia, mediadas pelo ensino remoto, foram malsucedidas para os participantes, que verbalizaram que não aprenderam, não conseguiam se concentrar e que sentem que os prejuízos educacionais permanecem em suas vidas acadêmicas e pessoais. Isso é ainda mais preocupante quando se reconhece que estudantes de escolas particulares tiveram oportunidades educativas mais favoráveis, o que implicará no aumento das desigualdades de oportunidades entre adolescentes e jovens de toda uma geração. Essas desigualdades, no entanto, não se limitam ao acesso desigual a recursos, mas evidenciam também o enfraquecimento de uma democracia que não conseguiu garantir a todos condições mínimas para o exercício pleno do direito à educação. Nesse cenário, o que deveria ser uma política emergencial de proteção à vida acabou produzindo efeitos colaterais expressivos. Estudantes da rede pública acumularam perdas de aprendizagem e vivências de frustração que se prolongam até hoje, enquanto professores, diante da ausência de suporte institucional, enfrentaram sobrecarga emocional, improvisos pedagógicos e precarização de suas condições de trabalho. Assim, a pandemia expôs e intensificou fragilidades já existentes, revelando o quanto a combinação entre desigualdade social e uma democracia fragilizada impactou diretamente a experiência escolar de milhões de brasileiros.

As implicações da pandemia e da impossibilidade de dar continuidade no ensino presencial não foram substancialmente analisadas pela comunidade científica em termos das repercussões na saúde mental dos estudantes de escolas públicas. Este artigo revelou inúmeros relatos de sofrimento psíquico e quadros sintomatológicos que atingiram os adolescentes. As mais diversas políticas, em especial de educação e saúde, devem considerar esses aspectos e investir em ações contundentes de promoção de saúde mental para adolescentes que estudam em escolas públicas. Ao contrário do que tem sido divulgado e erroneamente compreendido por

diversos segmentos (inclusive no meio acadêmico), a pandemia não acabou, pois seus efeitos são notáveis e se arrastarão por anos. Desconsiderar isso seria dar seguimento a um modelo de produção científica inócuo e descomprometido com a realidade histórica e social de todo o país, particularmente de grupos historicamente vulnerabilizados.

Entre os limites desta investigação destaca-se o fato de que as perspectivas de adolescentes de outras realidades sociais não foram analisadas. Trata-se de um grupo proveniente de um dado território, o que significa que as experiências de estudantes do ensino médio de outras localidades podem ter sido diferentes das que foram relatadas e discutidas no presente estudo. Ressalta-se, ainda, que a pesquisa não contemplou a realidade de discentes do ensino superior, o que constitui um campo relevante a ser explorado em investigações futuras. Por isso, recomenda-se que as escolas, em parceria com outros serviços da rede de atenção aos adolescentes, estejam atentas aos indicadores de saúde mental dessa população. Isso implica na condução de mapeamentos, diagnósticos e avaliações consistentes do bem-estar dos estudantes, bem como da oferta de serviços, atendimentos e oportunidades que estejam alinhadas com suas necessidades pessoais e sociais para se recuperarem de um evento que, indubitavelmente, marcou suas vidas.

Referências

- ARAGÃO, H. T.; SANTANA, J. T.; SILVA, G. M. DA.; SANTANA, M. F.; SILVA, L. N. M. DA.; OLIVEIRA, M. L. L.; MELO, C. M. Impactos da Covid-19 à luz dos marcadores sociais de diferença: raça, gênero e classe social. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, número especial, p. 338–347, mar. 2022.
- AQUINO, E. M. L.; SILVEIRA, I. H.; PESCARINI, J. M.; AQUINO, R.; SOUZA-FILHO, J. A.; ROCHA, A. S.; FERREIRA, A.; VICTOR, A.; TEIXEIRA, C.; MACHADO, D. B.; PAIXÃO, E.; ALVES, F. J. O.; PILECCO, F.; MENEZES, G.; GABRIELLI, L.; LEITE, L.; ALMEIDA, M. C. C.; ORTELAN, N.; FERNANDES, Q. H. R. F.; ORTIZ, R. J. F. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 2423–2446. jun. 2020.
- BARTHOLO, T. L.; KOSLINSKI, M. C.; TYMMS, P.; CASTRO, D. L. Learning loss and learning inequality during the Covid-19 pandemic. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 119. abr./jun. 2023.
- BERNARTT, R. M. Educação em tempos de pandemia, implicações do ensino on-line. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 45, p. 170-185. 2022.

BINOTTO, B. T.; GOULART, C. M. T.; PUREZA, J. R. Pandemia da COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. **Psicologia e Saúde Em Debate**, Patos de Minas, v. 7, n. 2, p. 195–213. Jan./jun. 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101. 2006.

CABRAL, C. S.; GUIMARÃES, J. S.; TEIXEIRA, A.; GENEROSO, N. K.; FRANÇA JUNIOR, I.; BORGES, A. L. V. “We want to hug a friend”: the covid-19 pandemic among low-income adolescents. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 57, supl. 1. 2023.

CARDOSO, R. B. D. A. A pandemia do COVID-19 e o ensino remoto no 3º ano do ensino médio: Implicações na realidade da juventude. In: CASTRO, P. A. C; SILVA, G. C. C.; SILVA, A. V.; SILVA, G.; CAVALCANTI, R. J. S. (Org.). **Escola em Tempos de Conexão**. Campina Grande: Plataforma Espaço Digital, 2022. p. 856-873.

CHEN, F.; ZHENG, D.; LIU, J.; GONG, Y.; GUAN, Z.; LOU, D. Depression and anxiety among adolescents during COVID-19: A cross-sectional study. **Brain, Behavior, and Immunity**, v. 88, p. 36-38. 2020.

CLARKE, V.; BRAUN, V. Thematic Analysis. **The Journal of Positive Psychology**, v. 12, n. 3, p. 297–298. 2017.

COHEN, R. I. S.; BOSK, E. A. Vulnerable Youth and the COVID-19 Pandemic. **Pediatrics Perspectives**, v. 146, n. 1, p. 1-3. jul. 2020.

FRITSCH, R.; VITELLI, R. F.; HOMEM, L. F.; MACHADO, S. N. S. O ensino remoto no contexto da pandemia de COVID-19 em escolas públicas de ensino médio. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 1478–1505. set./dez. 2021.

UNICEF. **Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'**. 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-situacao-de-criancas-e-adolescentes-se-agravou-consideravelmente-apos-nove-meses-pandemia>>. Acesso em 15. Mai. 2024.

_____. **Extensão da perda na educação no mundo é grave, e é preciso agir para garantir o direito à Educação**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-extensao-da-perda-na-educacao-no-mundo-e-grave>> Acesso em 15. Mai. 2024.

GADAGNOTO, T. C.; MENDES, L. M. C.; MONTEIRO, J. C. S.; GOMES-SPONHOLZ, F. A.; BARBOSA, N. G. Emotional consequences of the COVID-19 pandemic in adolescents: challenges to public health. **Revista da Escola de Enfermagem Da USP**, São Paulo, v. 56, p. 1-9. 2022.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29–41. set./dez. 2020.

PAINÉL CORONAVÍRUS. Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade. 2024.

Disponível em:

<https://covid.saude.gov.br/?utm_source=link%20interno&utm_medium=referral&utm_campaign=tofu%20passa%20para%20mofu&ut=undefined&u=undefined&model=1>. Acesso em 15. Mai. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>>. Acesso em 15. Mai. 2024.

JONES, S. E.; ETHIER, K. A.; HERTZ, M.; DEGUE, S.; LE, V. D.; THORNTON, J.; LIM, C.; DITTUS, P. J.; GEDA, S. Mental health, suicidality, and connectedness among high school students during the COVID-19 pandemic — Adolescent behaviors and experiences survey, United States, January–June 2021. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, v. 71, n. 3, p. 16-21. abr. 2022.

KRAUSE, K. H.; VERLENDEN, J. V.; SZUCS, L. E.; SWEDO, E. A.; MERLO, C. L.; NIOLON, P. H.; LEROY, Z. C.; SIMS, V. M.; DENG, X.; LEE, S.; RASBERRY, C. N.; UNDERWOOD, J. M. Disruptions to school and home life among high school students during the COVID-19 pandemic — Adolescent behaviors and experiences survey, United States, January–June 2021. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, v. 71. n. 3, p. 28–34. abr. 2022.

LACERDA, T. E. D.; GRECO JUNIOR, R. **Educação Remota em Tempos de Pandemia: Ensinar, Aprender e Ressignificar a educação**. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

LANCKER, W. V.; PAROLIN, Z. COVID-19, school closures, and child poverty: A social crisis in the making. **The Lancet Public Health**, v. 5, n. 5, p. 243-244. mai. 2020.

LOCION, J. P.; SISON, J. C.; SUAREZ, S. B. C.; JESUS, M. T.; PELANDE, J. C.; UY, M. S. The academic experiences of senior high school students in the midst of pandemic. **East Asian Journal of Multidisciplinary Research**, v. 1, n. 6, p. 1017–1016. 2022.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 262–280. mai./ago. 2021.

MACHADO, S. N. S.; FRITSCH, R.; PASINATO, D. Abandono escolar no contexto da pandemia: Desejos, angústias e anseios na fala dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 2, n. 26, p. 220–241. out./dez. 2021.

MÉDICI, M. S.; TATTO, E. R.; LEÃO, M. F. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, número especial, p. 136–155. out./dez. 2020.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC]. (2020). Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. 2020. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=PRT&numero=343&ano=2020&ato=6f5UTVE5EMZpWT599>>. Acesso em 15. Mai. 2024.

MUZI, S.; SANSÒ, A.; PACE, C. S. What's Happened to Italian Adolescents During the COVID-19 Pandemic? A preliminary study on symptoms, problematic social media usage, and attachment: Relationships and differences with pre-pandemic peers. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12., p. 1-11. 2021.

NOVIYANTI, N.; MAGFIROH, F.; WAHYUDI, A. N.; PUJI, R. P. N. Analysis of changes in student activity and learning patterns during the pandemic: Case study of high school students in Jember Regency. **Pancaran Pendidikan**, v. 9, n. 3, p. 11-22. ago. 2020.

OLIVEIRA, E. A. de; MARTINS, C. P.; SILVA, M. A. da. “Coronacrise”: reflexões sobre alguns efeitos necropolíticos de/em uma pandemia e os desafios para as Ciências Humanas e Sociais em Saúde. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 54, p. 1–24, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/14929>>. Acesso em 22 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. 2021. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em 15. Mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE [OPAS]. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em 15. Mai. 2024.

PIEH, C.; PLENER, P. L.; PROBST, T.; DALE, R.; HUMER, E. Assessment of Mental Health of High School Students During Social Distancing and Remote Schooling During the COVID-19 Pandemic in Austria. **JAMA network open**, v. 4, n. 6, p. 1-4. 2021.

SALZANO, G.; PASSANISI, S.; PIRA, F.; SORRENTI, L.; MONICA, G. L.; PAJNO, G. B.; PECORARO, M.; LOMBARDO, F. Quarantine due to the COVID-19 pandemic from the perspective of adolescents: the crucial role of technology. **Italian Journal of Pediatrics**, v. 47, p. 1-5. 2021.

SAURABH, K.; RANJAN, S. Compliance and psychological impact of quarantine in children and adolescents due to Covid-19 pandemic. **The Indian Journal of Pediatrics**, v. 87, n. 7, p. 532–536. 2020.

SEGATI, A. F.; JORDÃO, R. D. S. Os contextos do ensino remoto e remoto/presencial sob a perspectiva dos alunos do ensino médio durante a pandemia da COVID-19. **EaD Em Foco**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-15. jul./dez. 2022.

SILVA, A. C. M.; OLIVEIRA, G. L.; QUIROGA, F. L. O ensino remoto emergencial no contexto da pandemia e a intensificação das desigualdades. **Revista Ciências & Ideias**, Nilópolis, v. 13, n. 3, p. 185-197. jul./set. 2022.

SITOAHANG, E. D. Adolescents mental health during Covid-19 pandemic. **Journal of Baja Health Science**, v. 3, n. 01, p. 78–90. fev. 2023.

SOUTO, R. R.; MENDONÇA, A. P.; SANTOS, R. A.; BEIRIGO, T. P. Prejuízos na saúde mental em crianças e adolescentes no contexto da pandemia do Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 1-13. nov./dez. 2021.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67. mai./ago. 2019.

SOUZA, C. M. P.; PEREIRA, J. M.; RANKE, M. C. J. Reflexos da Pandemia na evasão/abandono escolar: a democratização do acesso e permanência. **Revista Brasileira De Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 5, p. 1-20. jan./dez. 2020.

TAMARIT, A.; DE LA BARRERA, U.; MÓNACO, E.; SCHOEPS, K.; MONTOYA-CASTILLA, I. Psychological impact of COVID-19 pandemic in Spanish adolescents: risk and protective factors of emotional symptoms. **Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes**, v. 7, n. 3, p. 73-80. set. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Ensino a distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf>. Acesso em 15. Mai. 2024.

TOGNETTA, L. R. P.; CUADRA-MARTÍNEZ, D. J.; SOUZA, R. A.; FIORANELLI NETO, M. O sofrimento emocional em adolescentes em tempos de pandemia do Covid-19. **Revista Online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, número especial 3, p. 1-16. jul. 2022.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. M. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde Em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 133, p. 304–317. abr./jun. 2022.

VEIGA-NETO, A. Mais uma lição: Sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-20. out./dez. 2020.

WINDARWATI, H. D.; LESTARI, R.; SUPIANTO, A. A.; WICAKSONO, S. A.; ATI, N. A. L.; KUSUMAWATI, M. W.; HUMAYYA, A.; EKAWATI, D. A narrative review into the impact of COVID-19 pandemic on senior high school adolescent mental health. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, v. 35, n. 3, p. 206-217. ago. 2022.

ZARDO, G. F.; MOURA, C. F.; RODRIGUES, M. E. F.; CARON, L. O Desenvolvimento Cognitivo Infantojuvenil Durante a Pandemia: Uma Revisão Sistemática. **Caderno PAIC**, v. 23, n. 1, p. 571–584. jan./dez. 2022.